SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ORDEM DOS ENFERMEIROS | **Nº 14** | **JAN-MAR 2020** | ISSN 2184-2027

a+ua

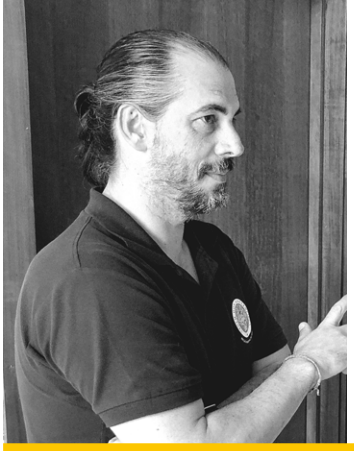
VENCE(RE)MOS

Editorial por João Paulo Carvalho, Presidente da SRNOE

Há vida no MUSEU

Entrevista com Gabinete de História e Memória da ESEP

FICHA TÉCNICA: Boletim Informativo da Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros. **Diretor** João Paulo Carvalho. **Coordenação** Gabinete de Comunicação Imagem do Norte. **Redação** Rui Pinto Reis. **Conceção Gráfica** Medesign, Edições e Design de Comunicação, Lda. **Periodicidade** Trimestral.



VENCE(RE)MOS

Em 2016 iniciámos uma aposta clara e inequívoca nos benefícios sociais para os enfermeiros.

A sociedade, tendo presente a carga emocional que o nosso trabalho acarreta e os horários exaustivos que temos de cumprir, recebeu esta iniciativa de braços abertos. Em apenas 4 anos, fechámos mais de 100 parcerias com empresas que se propuseram a dar condições especiais aos membros da OE e suas famílias.

Estas ofertas tem uma maior incidência nos sectores da hotelaria e no ramo automóvel, no entanto, a amplitude das propostas vai desde a Alimentação ao Turismo.

Os empresários, cientes que os profissionais não vivem apenas de boas intenções, têm-nos procurado para acarinhar os enfermeiros nesta 1ª fase pós-Covid. Nos primeiros dias de desconfinamento assegurámos, com novos protocolos, a possibilidade de usufruirem de uma noite em SPA, com oferta da estadia ao enfermeiro, assim como grandes descontos em rent-a-car para quem necessite de viatura para se deslocar. Dizia-me, há dias, um parceiro: "É a forma de agradecermos a quem tudo devemos". Não é muito, é verdade, mas é a forma que o tecido empresarial tem para dizer obrigado.

Filipe Pinto
Vogal CDR

Esta edição da Atua fala-nos de História. O futuro Museu da Enfermagem, actualmente ainda Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto, dificilmente poderia ter sido escolhido para ilustrar estas páginas em época mais pertinente.

Nesta altura de incerteza, em que todos falamos de futuro, publicamos a nossa escolha de 2019 para esta edição d'Atua revista. Ao olhar desatento, pode parecer estranho falar do que foi quando temos de discutir o que aí vem, mas o passado são as fundações do que somos hoje e, por consequência, os alicerces do futuro. A enfermagem evoluiu como, provavelmente, nenhuma outra profissão. Mantivemos acesa a candeia de Florence Nightingale, mas hoje somos muito mais que isso. A enfermagem é munida de conhecimento científico e técnico, com profissionais na vanguarda da investigação e na liderança de cuidados.
Apesar de, em saúde, se trabalhar em equipa, somos hoje profissionais independentes doutras classes, dotados de academia e prática próprias.

Esta pandemia serviu para pôr à prova o que temos vindo a adquirir sem deixar de testar a nossa génese. O início desta crise foi atribulado, com os equipamentos de protecção individual a falharem um pouco por toda a parte. Os enfermeiros, apesar dos constantes reptos para que não avançassem sem protecção, personificaram uma famosa frase de Nelson Mandela: "a coragem não é a ausência de medo, mas o triunfo sobre ele". E o país, que não podia ter ficado mais orgulhoso, não tem alternativa a ficar eternamente grato.
Os enfermeiros travam, diariamente, batalhas que não pediram. Mas desta vez, tocou-lhes à porta uma guerra para a qual o mundo não estava preparado e, não obstante de saberem o que lhes poderia acontecer se fossem infectados, foram à luta e formaram a nossa linha de defesa.

Hoje há pais que jantam com os filhos graças à linha da frente. Hoje, o país inunda praias porque uns poucos "selvagens", com medo, mas coragem, venceram.

João Paulo Carvalho
Presidente da SRNOE

ordem dos enfermeiros
secção regional norte

HÁ VIDA no museu

ENTREVISTA COM **Gabinete de História e Memória da ESEP**

Maria José Peixoto
Ana Paula Cantante
Berta Salazar
Emilia Bulcão
Isabel Guimarães
M. Lourdes Santos
Orisia Pereira

Saber de onde viemos é fulcral para traçar o novo caminho. O passado, são os alicerces do futuro e, numa profissão técnico-científica como a enfermagem, é importante preservar a memória, por forma a acumular conhecimento, exponenciar e melhorar descobertas e aprender com os erros de outrora. Para a vida, não há vacina mais eficaz do que o passado. O mesmo acontece nas profissões. A Escola Superior de Enfermagem do Porto foi percursora na preservação da memória profissional colectiva e hoje conheceremos um pouco mais do seu Núcleo Museológico, que em breve, se tudo correr bem, será o primeiro Museu de História da Enfermagem em Portugal.

[Atua] Houve contextos em que existiu atuação de enfermeiros que sejam pouco conhecidos pelo público?
Ao longo da História de Enfermagem e da Saúde em Portugal houve contextos em que os enfermeiros estiveram envolvidos, no entanto a sua ação ao longo dos tempos permanece na obscuridade, resultando na ausência de trabalhos escritos acerca das suas práticas e da sua história. A título de exemplo, temos o livro sobre "Vidas de Enfermeiras", que identifica figuras que se destacaram ao longo do século XX, mas há que dar continuidade a esta obra, através de mais biografias ou histórias de vida.

No âmbito das reformas da saúde, desde a época da criação do SNS na década de 70, podemos enumerar a criação dos Centros de Saúde, na década seguinte, a criação das Regiões de Saúde e a Integração dos Serviços Médico Sociais, Caixas de Previdência, Instituto Maternal e assim sucessivamente...Foram reformas que implicaram os enfermeiros e que mudaram também os percursos das suas carreiras.

Ao nível de outras instituições/organizações podemos citar a criação da Ordem dos Enfermeiros (OE), a publicação do REPE as diferentes reformas das Carreiras de Enfermagem, as Associações de Profissionais/ Sindicatos, Coleções, Manuais e Revistas de Enfermagem, entre outros.

Quanto ao Ensino já há muitas publicações sobre a história de Escolas de Enfermagem, contudo acerca das várias reformas educativas existem poucos estudos. Após a integração no Ensino de Enfermagem no Ensino Superior, o processo de fusão de algumas escolas, o processo de Bolonha, a avaliação das Escolas de Enfermagem, são temas ainda por explorar.

Conforme podemos constatar áreas de estudo e investigação histórica não faltam. Provavelmente, o leitor ao ler esta entrevista, decerto que lhe ocorrerá muitos outros contextos, que a maior parte de nós desconhece nos dias de hoje e que é necessário dar a conhecer. É fundamental conhecer o passado para entender o presente o perspetivar o futuro como dizem os historiadores.

Qual é a importância da preservação da história da profissão?

A História da profissão é muito importante para os enfermeiros, porque permite a construção de uma memória coletiva, possibilita a tomada de consciência daquilo que somos, desenvolve a autoestima e contribui para a (re)construção da identidade profissional.

O desenvolvimento e visibilidade da História da Enfermagem verificou-se a partir da década de 90. O trabalho de Lucília Nunes publicado em e-book, em 2019, reproduz a sistematização dos estudos de investigação sobre a nossa História de Enfermagem.

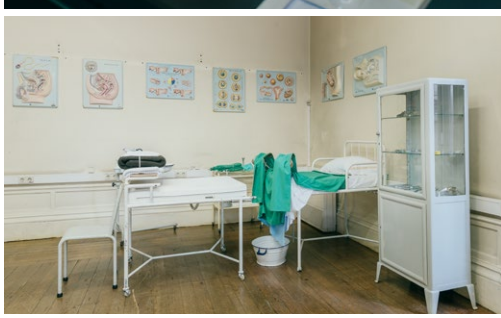
Em Portugal surgiram no início da década passada duas associações: a Sociedade Portuguesa de História da Enfermagem (SPHE) em 2010 e a Associação Nacional de História da Enfermagem (ANHE) em 2011 que, desde a sua fundação muito têm contribuído para o desenvolvimento da História da Enfermagem em Portugal, não só nos eventos que organizam dentro do país como também através das conferências Ibero-americanas e europeias.

> **A HISTÓRIA DA PROFISSÃO É MUITO IMPORTANTE PARA OS ENFERMEIROS, PORQUE PERMITE A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA, POSSIBILITA A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DAQUILO QUE SOMOS, DESENVOLVE A AUTOESTIMA E CONTRIBUI PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL.**

Após a integração do ensino de enfermagem no ensino superior politécnico e a autonomia das escolas relativamente aos planos curriculares, cada escola passou a decidir se o ensino da História de Enfermagem seria uma Unidade Curricular independente ou se, inserida na Enfermagem, parecendo haver algum desinvestimento nesta área. Ao nível dos cursos de pós-graduação devia-se valorizar mais a Metodologia de Investigação Histórica como qualquer outro tipo de metodologia, com o objetivo de promover o interesse por esta área.

Por que foi criado o Núcleo Museológico da ESEP?

Nos anos 90, um grupo de professoras da Escola Superior de Enfermagem de São João, na tentativa de preservar e transmitir a história da Instituição às novas gerações e comunidade, propôs à Direção a criação de um espaço onde se pudesse concre-



tizar esse desejo. Começou a reunir e a identificar materiais relacionados com a história documental da Instituição, utilizados no desenvolvimento pedagógico do ensino teórico e prático da enfermagem e algumas peças decorativas da Escola e do antigo Lar, assim "nasce o museu". Com o aumento do número de peças houve a necessidade de reformular este espaço e nos 45 anos da escola, passou a designar-se "Sala Museu Enfermeira Lourdes Santos", nome da professora mentora deste projeto.

A Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP) em 2007, reuniu o espólio museológico das três escolas que lhe deram origem no edifício do polo Cidade do Porto, sendo exposto em diferentes salas mantendo-se até aos dias de hoje. Assim surge o Núcleo Museológico (NM) da ESEP, que revisita o passado com os olhos postos no futuro. Pretende ainda, dar visibilidade da profissão ao público em geral acerca do "Cuidar em Enfermagem" ao longo dos tempos e facilitar aos estudantes e enfermeiros a compreensão e motivação para o estudo da história de enfermagem.

> O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ESEP REVISITA O PASSADO COM OS OLHOS POSTOS NO FUTURO CABENDO-LHE UM PAPEL FUNDAMENTAL NA DIVULGAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA ENFERMAGEM COMO PROFISSÃO.

Em 2012, foi criado o Gabinete de História e Memórias (GHM), que veio dar continuidade ao trabalho que estava a ser desenvolvido pelo NM e tem como finalidade dar a conhecer a memória e a história do ensino e da prática da profissão, contribuindo para a construção da identidade profissional da Enfermagem.

Que passos faltam para que o Núcleo Museológico se converta num Museu da História da Enfermagem?
Passados alguns anos o grupo de trabalho e o Presidente da ESEP, à data, atendendo existência do edifício secular, o acervo existente e reconhecimento da sociedade em geral, perceberam que estavam reunidas algumas condições prenunciadoras para dar outra visibilidade e assim iniciaram-se diligências para este vir a ser o Museu Nacional de Enfermagem. No entanto também estávamos conscientes de que este não era um projeto para ser abarcado apenas pela escola.

Assim, em 2014, foi estabelecida uma parceria entre a ESEP e a OE e constituído um grupo de trabalho para a criação de um Museu Nacional de Enfermagem. Foi elaborado o Pré-projecto e apresentado ao Presidente da ESEP e ao Bastonário da OE em novembro de 2014, tendo um aval positivo para continuidade do trabalho.

Em 2015 foi apresentado o estudo ao Conselho de Gestão da ESEP e ao Conselho Diretivo da OE e o projeto foi aprovado por unanimidade. Em dezembro foi realizado um evento para divulgar o trabalho realizado e sensibilizar as pessoas para a criação do museu.

Nas sociedades democráticas os mandatos são limitados. Quer na OE, quer na ESEP, ocorreram eleições com mudança dos elementos dos órgãos o que de certo modo fez estagnar o processo em curso.

Apesar destas intercorrências a parceria continuou, foram efetuadas visitas ao edifício pelos novos órgãos da OE, para conhecerem o espaço e o espólio, dados relevantes e imprescindíveis para a tomada de decisão sobre a criação do Museu. É um processo que ainda está em curso, sabemos que as decisões por vezes são demoradas, mas acreditamos que vai ter um desfecho favorável e esperamos que seja célere.

Que instituições apoiam esta unidade?
No decorrer destes anos foram várias as instituições que apoiaram e que realizamos parcerias nomeadamente: OE, Câmara Municipal do Porto – Divisão Municipal dos Museus, Universidade Católica – Curso de Restauro e Museologia, Escola Superior de Saúde do Santa Maria, Centro Hospitalar Universitário de S. João, Museu do Centro Hospitalar do Porto, IPSS, ACeS, Agrupamentos de Escolas entre outros. Também nos têm apoiado outras áreas do conhecimento das diferentes Artes e muitas pessoas, que de forma individual, têm prestado um contributo essencial para a consecução dos eventos científicos e culturais que efetuamos ao longo do ano, sem as quais não era possível obter o sucesso que atingimos e que aproveitamos a oportunidade para deixar o nosso agradecimento público.

Este projeto é único em Portugal?
Que nós tenhamos conhecimento é, pelo menos com a envergadura que tem, daí pretendermos que seja o Museu Nacional de Enfermagem.

Existem relações entre os vários museus de enfermagem do Mundo para troca de informação e, eventualmente, material?
Visitamos o Museu do Colégio de Enfermería de Madrid, Museu Nacional de Enfermagem Ana Nery em S. Salvador da Baía – MuNEAM - COFEN, Museu de Enfermagem do Instituo Politécnico de Helsínquia, Museu Florence Nightingale em Londres, mas apenas contactos informais, no sentido de conhecer o seu espólio e perceber formas de organização e exposição.

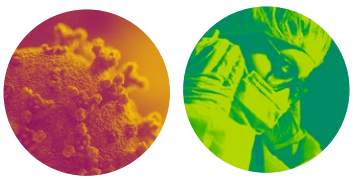
Este ano estávamos a propor uma parceria com um museu internacional para a deslocação de uma mostra sobre Florence Nightingale que iria ser integrada na exposição que estamos a organizar, mas com a atual situação de confinamento e encerramento de fronteiras ficou tudo em suspenso...

Além da preservação do material, existe algum arquivo que preserve a evolução do conhecimento?
Para já possuímos materiais didáticos que se utilizavam no século passado e manuais de estudo de enfermagem.

Pretendemos além disso criar um Arquivo de História Oral, baseado em entrevistas realizadas a Enfermeiros no sentido de desocultar histórias de vida destes profissionais que de outra forma permaneceriam na obscuridade para sempre. Já iniciámos este trabalho de recolha de testemunhos, que vai também contribuir para o desenvolvimento da Investigação em História de Enfermagem. ◆

Luís Barreira
Enfermeiro

Da COVID ao (des)COVID



Nota Biográfica:

Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Ordem dos Enfermeiros

Foi Diretor Técnico do Hospital da Misericórdia de Vila Verde

Enfermeiro no Hospital de Braga

Desde o início, com o sentido de serviço público que o momento exigia mas sem ceder um milímetro no nosso compromisso com os enfermeiros e as pessoas, colaborámos com o ministério da saúde e todas as autoridades de saúde, alertando para os problemas que nos chegavam do terreno e como parceiros ativos na procura de soluções.

Em finais de dezembro de 2019, a Ordem dos Enfermeiros (OE) começou a seguir com atenção todas as informações e notícias que chegavam sobre a COVID-19. Nas semanas seguintes, ainda sem compreender muito bem as causas e consequências do surto epidémico ocorrido na China, apercebemo-nos que se começava a verificar a transmissão do SARS-CoV-2 noutros países.

Com o aparecimento dos primeiros casos em Portugal e a declaração de estado de emergência, que alterou profundamente o dia-a-dia de todos, rapidamente, decidimos que seria impossível deixar de acompanhar e dar apoio aos enfermeiros. Deste modo, elaborámos um plano de contingência, estabelecemos normas internas de segurança e desinfeção e identificámos um núcleo central de colaboradores, cuja prestação de trabalho teria de se verificar presencialmente, em regime rotativo, no contexto da determinação de confinamento no domicílio e do regime de teletrabalho.

> “DE IMEDIATO, FOI CRIADO O GABINETE ESTRATÉGICO DE CRISE COVID-19

De imediato, foi criado o *Gabinete Estratégico de Crise COVID-19*, que permitiu à OE responder, em tempo útil, ao grande número de solicitações. Largos milhares de enfermeiros procuraram apoio na OE, preocupados com a sua saúde e das suas famílias, condições dos serviços e a forma como estavam a prestar cuidados.

Numa enorme operação, conseguimos responder a todos, desencadeando, sempre que necessário, as diligências necessárias junto das entidades envolvidas, pedindo esclarecimentos, alertando para a necessidade de se criar ou alterar normas e orientações ou de implementar aquelas que já haviam sido aprovadas. Naturalmente, a OE não tem competência para legislar, o que não nos impede de identificar problemas e apresentar soluções, agindo sempre na defesa dos enfermeiros e dos cuidados prestados. Aliás, muitos cidadãos e empresas privadas também procuraram a OE para oferecer benefícios, esclarecer dúvidas, doar equipamentos de proteção individual, ou, simplesmente, transmitir palavras de incentivo aos enfermeiros.

Desde o início, com o sentido de serviço público que o momento exigia mas sem ceder um milímetro no nosso compromisso com os enfermeiros

A opinião expressa no presente artigo é da responsabilidade exclusiva do autor.

e as pessoas, colaborámos com o ministério da saúde e todas as autoridades de saúde, alertando para os problemas que nos chegavam do terreno e como parceiros ativos na procura de soluções. Assim, numa corrida contra o tempo, criámos uma bolsa de enfermeiros para a Linha SNS 24 e uma bolsa de enfermeiros aptos a reforçar, de imediato, as unidades de cuidados intensivos do país. De igual forma, mediante solicitação direta, a OE colaborou no reforço de enfermeiros em inúmeras estruturas de prestação de cuidados, públicas, privadas ou sociais, de norte a sul do país. Criámos, ainda, a Linha de Apoio à Saúde Mental, um serviço gratuito, prestado por enfermeiros especialistas em Saúde Mental e Psiquiátrica, destinada a enfermeiros. Ainda no contexto institucional, a OE criou o *micro site COVID-19* ordemenfermeiros.pt/covid-19, no qual disponibiliza um conjunto útil e alargado de informação sempre atualizada.

A OE tem reunido, semanalmente, com o ministério da saúde, participando na elaboração e revisão de documentos técnicos, alertando para a necessidade de proceder a ajustamentos normativos e para os problemas dos enfermeiros que nos têm sido reportados. Foi ainda possível, em colaboração com as instituições de ensino superior na área da enfermagem e com o respetivo ministério, trabalhar em soluções que permitam aos alunos em processos formativos, do 4º Ano da Licenciatura em Enfermagem, completar a sua formação e ingressar rapidamente no mercado de trabalho, sem prejudicar a qualidade, a exigência e o rigor no ensino da enfermagem. Porém, com a fase de desCOVID em curso, lentamente, quando ainda estão muitos Enfermeiros afastados dos seus para cuidar dos outros, tudo começa a voltar ao normal. Mas não é este normal que queremos.

> **PORÉM, COM A FASE DE DESCOVID EM CURSO, LENTAMENTE, QUANDO AINDA ESTÃO MUITOS ENFERMEIROS AFASTADOS DOS SEUS PARA CUIDAR DOS OUTROS, TUDO COMEÇA A VOLTAR AO NORMAL. MAS NÃO É ESTE NORMAL QUE QUEREMOS.**

Num altura de grandes pressões sobre a enfermagem portuguesa, a verificar-se uma efectiva falta de enfermeiros, pretendia-se criar condições para que, apesar dos constrangimentos, se pudesse disponibilizar no mercado de trabalho um número de enfermeiros que, indiretamente, poderia vir a ser útil no combate à pandemia.

Como sempre, a OE continuará a desenvolver os esforços necessários ao acompanhamento de todos os Enfermeiros. Porém, com a fase de desCOVID em curso, lentamente, quando ainda estão muitos Enfermeiros afastados dos seus para cuidar dos outros, tudo começa a voltar ao normal. Mas não é este *normal* que queremos.

Há 4 anos e meio, quando dissemos que o sistema de saúde estava em rutura e que as condições de trabalho e remuneração dos enfermeiros eram inaceitáveis e que isso podia ferir de morte a profissão, todos disseram que era falso, que tudo estava bem e que nos moviam interesses obscuros. Todos menos a esmagadora maioria dos Enfermeiros, claro.

Precisamos de ter consciência de que os próximos meses, eventualmente até ao início do próximo ano, serão cruciais para os Enfermeiros. A sociedade e os responsáveis políticos já admitem as carências e os problemas. É um bom princípio, mas não chega.

O país vai ter de perceber, de uma vez por todas, que só pode ter cuidados de Enfermagem de excelência se estiver disposto a pagar por isso. Caso contrário, vai perder cada vez mais enfermeiros portugueses para países que vão investir a sério nos cuidados de saúde. E, neste contexto, o assédio internacional vai ser imenso. Por outro lado, haverá também muitos Enfermeiros que vão equacionar se o esforço vale mesmo a pena.

A FORÇA e UNIÃO necessárias para o combate definitivo pelo reconhecimento e valorização da profissão de Enfermeiro em Portugal terá de acontecer nos próximos meses. Ou será uma oportunidade perdida. Como sempre, os enfermeiros podem contar com a OE para mais essa batalha! ◆

O NORTE VALORIZA RECONHECE

Prémio Mérito

TODOS OS ENFERMEIROS